

Paulo-Roberto Andel

Literatura: é ou não é?

O assunto já foi debatido centenas de vezes, as redes sociais fervilham e os pretendidos proprietários da verdade apontam seus canhões para os opositores. Mas não há como deixá-lo de lado. Afinal, o que é ou não é literatura?

O mais novo capítulo desse debate interminável começou em setembro passado. A polémica da vez foi iniciada pela professora aposentada da USP, Aurora Bernardini, que declarou que obras de autores como Itamar Vieira Júnior, Helena Ferrante e Annie Ernaux não seriam “literatura”.

A afirmação gerou um amplo debate no meio literário e uma provocação para discutir os critérios que definem o que é e o que não é literatura.

Na opinião de Bernardini, a ficção contemporânea muitas vezes prioriza o enredo (o “o quê” da história) em detrimento da forma e da maneira como a história é contada (o “como”).

Para Bernardini, o que se vê hoje são histórias mais próximas de relatos, e a literatura de verdade exigiria um maior cuidado com a inventividade e a brincadeira com as palavras, um refinamento do estilo. Claro, a declaração gerou reações acaloradas, com outros profissionais e leitores defendendo os autores mencionados e questionando os critérios de Bernardini, consagrada intelectual e professora de vasta carreira.

Anos atrás, o poeta Carlieto Azevedo cunhou uma frase que pode ser definitiva para leitores de toda espécie. Disse basicamente o seguinte: “Eu não sou vigia da poesia alheia”. Aliás, no próprio campo poético, o consagrado Carlieto é

bastante criticado por poetas expressivos da vanguarda brasileira, por supostamente pertencer a um grupo de controle das premiações literárias no Brasil, que impede a ascensão de talentos não ligados às grandes corporações, com nomes como os de Manuel da Costa Pinto.

Juntando essa colcha de retalhos, a conclusão simplória do leitor comum é também surpreendente: a ascensão de grandes talentos literários é deveras escassa e, quando acontece, eles não necessariamente são “literatura” (ou “poesia”).

Que o mercado editorial brasileiro é elitista e sectário, não resta a menor dúvida. Quanta gente boa por aí publica de forma subterrânea, sem a menor expectativa de apoio ou divulgação? Muita gente mesmo.

Agora, uma outra reflexão é também necessária, aliás inevitável: por mais que se busque a excelência, só a literatura reconhecida e chancelada pelos grandes próceres é a que vale? Não é possível que existam livros honestos e interessantes que não passem necessariamente pelos ditames da linguagem vanguardista ou do desafio linguístico? Ou a dita literatura se encontra num Olimpo para muito poucos acessos dos seres ditos humanos?

Nunca me esqueço do quebra pau de Truman Capote contra Jack Kerouac, acusando-o de não fazer literatura mas datilografia. O tempo mostrou quem era quem. Quase setenta anos depois de “On the Road”, Kerouac ainda dá as cartas para milhões de leitores pelo mundo afora.

Prêmio Camões de 2025 vai para poeta angolana Ana Paula Tavares

Autora se destaca pelo olhar atento aos grandes desafios contemporâneos da África, do Brasil e de Portugal

Divulgação

A poeta e historiadora angolana Ana Paula Tavares venceu o Prêmio Camões 2025, o mais importante reconhecimento literário da língua portuguesa. Aos 72 anos, Tavares é autora de livros que transitam por diversos gêneros.

“Procuro dizer Angola de todas as formas possíveis deixando que o eco das palavras se entreteça de uma memória antiga fundadora e, ao mesmo tempo, com os pés bem assentes na terra adivinhar o futuro. Assim, a geografia é feita de sul e Angola amplia esse sentimento de pertença, que me permite escutar para só depois dizer. O verso declina-se sob a razão de Angola, uma forma de existir e escrever”, disse a autora ao repórter Rodrigo Fonseca em entrevista ao Correio publicada em dezembro de 2023.

Nesta mesma entrevista, ela declarou aos autores brasileiros. “A poesia brasileira foi sempre água, remédio e caminho. Também nos poetas homens, de Drummond a Manoel de Barros... ou João Cabral de Melo Neto. As vozes femininas que tomam conta de mim são: Adélia Prado, Ana Cristina César, Hilda Hest, Conceição Evaristo. A poesia surpreende-me sempre e as novas vozes que ando a ler também, como Warsan Shire e tantas outras poetisas africanas como Conceição Lima”, comentou.

A autora foi escolhida por um júri internacional que destacou, em nota, a “fecunda e coerente trajetória de criação estética” e o “resgate de dignidade da Poesia” em sua obra.



Destaque da nova poesia em língua portuguesa, a angolana Ana Paula Tavares admira os autores brasileiros

Doutora em Antropologia da História pela Universidade Nova de Lisboa (2010), Mestre em Literatura Brasileira e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, ela publicou pérolas como “O Sangue da Buganvília”, “O Lago da Lua”, “Dizes-me Coisas Amargas Como Os Frutos”, “Manual Para Amantes Desesperados”, “Ex-Votos”, “A Cabeça de Salomé”, “Os Olhos Do Homem Que Chorava No Rio” (em parceria com Manuel Jorge Marmelo), “Como Velas Finas Na Terra”, “Ritos de Passagem” e “Um Rio Preso nas Mãos” - este, um volume de crônicas publicado no Brasil pela Kapulana. A autora também integrou a recente coletânea poética “Verbetes para um Dicionário Afetivo”, da Pallas.

Ao comentar a escolha, a ministra da Cultura do Brasil, Margareth Menezes, afirmou que premiar Ta-

vares é “celebrar a força e a beleza da literatura lusófona”.

A premiação, no valor de 100 mil euros (cerca de R\$ 590 mil reais), é concedida conjuntamente pelos governos do Brasil e de Portugal à autora pelo conjunto de sua obra. A entidade brasileira responsável pela premiação é a Biblioteca Nacional, presidida pelo poeta Marco Lucchesi, que destacou o olhar da autora como atento aos grandes desafios contemporâneos da África, do Brasil e de Portugal.

Concedido desde 1989, o Camões já premiou 15 autores brasileiros. São eles: João Cabral de Melo Neto (1990), Rachel de Queiroz (1993), Jorge Amado (1994), Antonio Candido (1998), Autran Dourado (2000), Rubem Fonseca (2003), Lygia Fagundes Telles (2005), João Ubaldo Ribeiro (2008), Ferreira Gullar (2010), Dalton Trevisan (2012), Alberto da Costa e Silva (2014), Raduan Nassar (2016), Chico Buarque (2019), Silviano Santiago (2022) e Adélia Prado (2024).